Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

REFLEXÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR E A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA A PARTIR DAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Maria José Sousa da Silva
mariasilva.geo@gmail.com

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federa de Goiás (UFG) e Professora de Geografia do Instituto Federal de Goiás (IFG).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6896-1375

RESUMO

Este artigo é resultante da pesquisa de dissertação intitulada" Narrativas de professores de Geografia: histórias de vida e trajetórias formativo-profissionais na composição da identidade docente". Desta forma, o objetivo do texto é apresentar uma reflexão sobre a formação docente através das narrativas (auto)biográficas, tendo como ponto de partida a escolha do curso de Geografia pelos docentes colaboradores. Refletir sobre essa escolha nos permite compreender um pouco da prática, atuação e identidade dos docentes. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, ancorada nas narrativas (auto)biográficas e histórias de vida. Os dados discutidos ao longo do texto resultam de entrevistas narrativas e memoriais de formação, que foram utilizados para a construção da dissertação e também para o recorte escolhido neste artigo. Consideramos fundamental a reflexão a respeito de como nos tornamos professores, como mobilizamos os saberes necessário à profissão docente, e para tal compreensão, acreditamos que as narrativas (auto)biográficas nos permitem esclarecer e compreender diversos questionamentos que permeiam a formação do professor de Geografia, pois ao narrar sobre sua vida, o professor toma consciência de sua formação, para além do sentido formal, em um movimento de (auto)formação, através da reflexão de sua trajetória de vida e de suas experiências, sobretudo aquelas que para ele (o professor) foram formadoras. Os trechos expostos ao longo da pesquisa, resultantes das entrevistas e memoriais, evidenciam o potencial do trabalho com narrativas (auto)biográficas para a formação do professor de Geografia, contribuindo para o enriquecimento da bibliografia sobre a temática, para a valorização dessa metodologia e sua contribuição para o entendimento de como o professor se torna e se vê professor.

PALAVRAS-CHAVE

Formação do professor de Geografia, Narrativas (auto)biográficas, Experiências formativas, Escolha da profissão, Identidade docente.

REFLECTIONS ON THE FORMATION OF TEACHER IDENTITY AND THE CHOICE OF GEOGRAPHY TEACHING THROUGH (AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVES

ABSTRACT

This article is the result of dissertation research entitled "Narratives of Geography Teachers: Life Stories and Professional-Training Trajectories in the Composition of Teacher Identity". The aim of this text is to present a reflection on teacher training through (auto)biographical narratives, starting from the Geography course selection by the collaborating teachers. Reflecting on this choice allows us to understand a bit about the practice, performance, and identity of teachers. This is a qualitative research, anchored in (auto)biographical narratives and life stories. The data discussed throughout the text comes from narrative interviews and training memorials, which were used both for the construction of the dissertation and for the chosen excerpt in this article. We consider it essential to reflect on how we become teachers, how we mobilize the necessary knowledge for the teaching profession, and for this understanding, we believe that (auto)biographical narratives allow us to clarify and comprehend various questions that permeate the training of Geography teachers. By narrating their lives, teachers become aware of their formation, beyond the formal sense, in a movement of (self)formation through reflecting on their life trajectory and experiences, especially those that were formative for them (the teachers). The excerpts presented throughout the research, resulting from interviews and memorials, highlight the potential of working with (auto)biographical narratives for the training of Geography teachers, contributing to the enrichment of the bibliography on the subject, the appreciation of this methodology, and its contribution to understanding how a teacher becomes and sees themselves as a teacher.

KEYWORDS

Geography Teacher Education, (Auto)biographical Narratives, Formative Experiences, Career Choice, Teacher identity.

REFLEXIONES SOBRE LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DOCENTE Y LA ELECCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA A TRAVÉS DE LAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

RESUMEN

Este artículo es el resultado de la investigación de tesis titulada "Narrativas de profesores de Geografía: historias de vida y trayectorias formativo-profesionales en la composición de la identidad docente". De esta forma, el objetivo del texto es presentar una reflexión sobre la formación docente a través de las narrativas (auto)biográficas, tomando como punto de partida la elección del curso de Geografía por parte de los docentes colaboradores. Reflexionar sobre esta elección nos permite comprender un poco de la práctica, actuación e identidad de los docentes. Se trata de una investigación de carácter cualitativo, anclada en las narrativas (auto)biográficas e historias de vida. Los datos discutidos a lo largo del texto resultan de entrevistas narrativas y memoriales de formación, que fueron utilizados para la construcción de la tesis y también para el recorte elegido en este artículo. Consideramos

fundamental la reflexión sobre cómo nos convertimos en profesores, cómo movilizamos los saberes necesarios para la profesión docente, y para tal comprensión, creemos que las narrativas (auto)biográficas nos permiten aclarar y comprender diversas cuestiones que permean la formación del profesor de Geografía, pues al narrar sobre su vida, el profesor toma conciencia de su formación, más allá del sentido formal, en un movimiento de (auto)formación, a través de la reflexión de su trayectoria de vida y de sus experiencias, sobre todo aquellas que para él (el profesor) fueron formadoras. Los fragmentos expuestos a lo largo de la investigación, resultantes de las entrevistas y memoriales, evidencian el potencial del trabajo con narrativas (auto)biográficas para la formación del profesor de Geografía, contribuyendo al enriquecimiento de la bibliografía sobre la temática, a la valorización de esta metodología y a su contribución para el entendimiento de cómo el profesor se convierte y se ve como profesor.

PALABRAS CLAVE

Formación del profesor de Geografía, Narrativas (auto)biográficas, Experiencias formativas, Elección de la profesión, Identidad docente.

Introdução

O trabalho com narrativas para compreender a formação docente e a constituição de sua identidade enquanto profissional tem sido cada vez mais presente nas discussões e investigações atuais. As pesquisas que abordam a biografia do professor se mostram fundamentais no contexto educacional, pois possibilitam processos de (auto)formação aos sujeitos e de tomada de consciência de suas trajetórias a partir das memórias evocadas pelo professor enquanto narra sua vida ao pesquisador.

O uso de narrativas apresenta grande potencial para as pesquisas sobre a formação do professor, pois, conforme Abrahão (2003, p. 166) traz uma tríplice dimensão. Se constitui enquanto fenômeno, ao oportunizar que o narrador reflita sobre sua própria trajetória de vida, como metodologia de investigação, ao apresentar fontes para esta finalidade, e, por fim, como processo de aprendizagem, autoconhecimento e (re)significação do vivido.

Refletir como nos tornamos professores, como nossa vivência pessoal se relaciona com a escolha da nossa profissão e como o trabalho docente pode ser afetado pela trajetória de vida pessoal é fundamental para a formação do professor de Geografia, pois essas questões possibilitam ao docente uma tomada de consciência de sua formação enquanto um processo, que se deu não apenas na licenciatura, mas ao longo de toda a sua vida e que está em curso ao longo de toda a sua prática.

Diante do exposto, este artigo objetiva refletir sobre a formação docente através das narrativas (auto)biográficas, tendo como ponto de partida a escolha do curso de

Geografia pelos docentes colaboradores. Refletir sobre essa escolha nos permite compreender um pouco da prática, atuação e identidade dos docentes.

O texto da dissertação que embasou este artigo, contou com a colaboração de cinco professores da Educação Básica da cidade de Mari, interior do Estado da Paraíba. Dos cinco integrantes da pesquisa, contamos com a participação de um professor, José Antônio, e quatro professoras, Maria Clara, Maria Fernanda, Maria Cristina e Maria Cláudia. Estes nomes são fictícios, optamos por resguardar a identidade dos professores colaboradores, bem como os detalhes de suas histórias que porventura não gostariam que fossem expostos, de maneira que pudessem ser identificados. A escolha pelos nomes Maria e José, justificam-se pelo fato de dar voz a pessoas simples, com histórias simples, mas marcadas por grandes lutas e com um grande repertório de conhecimentos.

A proposta da pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética antes de ser executada, após a aprovação, foi iniciado o processo de entrevistas, que se dividiu entre as narrativas orais, escritas e com indução de questionários. Para este recorte, foram utilizados os dados dos questionários narrativos, cujo objetivo era o levantamento acerca da escolha da profissão e da forma como os professores de Geografia enxergavam a si próprios, sua profissão e seus alunos.

O recorte aqui apresentado, conforme já mencionado, apresenta uma reflexão a respeito da escolha pela profissão. Nesta perspectiva, apresentaremos as narrativas em que os colaboradores apresentam seus motivos, percursos e aspirações, que os levaram a escolher a licenciatura em Geografia e a profissão docente.

Optar por uma carreira profissional ou um curso de formação é uma decisão resultante de vários fatores que permeiam a vida do ser humano, uma vez que trata-se de um momento fundamental no desenvolvimento pessoal em que, na maioria das vezes, a profissão é quem escolhe o indivíduo e não o contrário, sobretudo nas classes mais pobres da nossa sociedade, em que as atividades profissionais são relacionadas à ocupação dos pais, avós e familiares em geral, ou mesmo a oferta de emprego na comunidade em que se vive.

O curso de licenciatura em Geografia nem sempre é o sonho de infância dos indivíduos que hoje ocupam a sala de aula. Ao ouvir narrativas de alguns professores, é possível ter acesso às histórias de muitos profissionais que gostariam de ter trilhado outros caminhos, escolhido outro ofício e atuar em outras áreas.

Muitos relatam (como os colaboradores dessa pesquisa) que a licenciatura foi o que suas condições permitiram, sejam as condições financeiras, de acesso à universidade ou de proximidade com instituições públicas. Concordando com o exposto, recorremos

às palavras de Barros (2021) ao refletir que a escolha por um curso superior de licenciatura em Geografia e pelo saber a ser mobilizado através desta, no exercício da profissão em sala de aula, estão relacionados a múltiplas referências, interferências e inferências.

Essas conexões e relações que levam o indivíduo a escolher uma profissão para exercer ao longo de sua vida, ou de um período, são resultantes das situações experienciadas no devir da vida, as quais comportam questões econômicas, culturais, geográficas, familiares etc. Não é uma escolha neutra, livre de interferências, principalmente quando se trata de um grupo social com poucos recursos financeiros e poucas oportunidades de acesso à educação gratuita e de qualidade.

Diante do exposto, relataremos a seguir os motivos pelos quais cada professor colaborador escolheu sua profissão, escolheu ingressar no curso de licenciatura em Geografia, na perspectiva de compreender como o ser professor se constituiu. A partir das narrativas destes indivíduos, percebe-se como a identidade docente e sua prática sofreram interferências dessas escolhas e dos relatos da vida de cada um.

Para tanto, este estudo será dividido em duas partes com o propósito de evidenciar importantes discussões em cada uma delas, além da introdução e considerações finais. Na primeira, apresentaremos uma discussão sobre os conceitos de identidade e prática docente. Na segunda parte serão expostas e discutidas as narrativas dos sujeitos participantes acerca da escolha pela licenciatura em Geografia.

A identidade e prática do professor de Geografia

O termo identidade é tratado por diversos autores e linhas de estudo dentro das Ciências Humanas e Sociais. Portanto, buscamos conceitos que embasassem esse termo e tivessem associações necessárias ao professor de Geografia, partindo do princípio unânime nas literaturas de que essa identidade é um processo que se dá ao longo de toda a vida do indivíduo, trata-se de uma construção, não um processo acabado. Concordando com o exposto, Dubar (1997, p. 13) sinaliza que:

> A identidade humana não é dada de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói sozinho: ela depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações e autodefinições.

Para Cavalcanti (2012) o sujeito deve refletir sobre essa identidade desde os processos formativos, como durante a licenciatura, pois se trata de uma dimensão importante de sua formação e prática docente que deve ser valorizada. Para tanto, a autora destaca que a identidade do professor é composta e pode ser entendida a partir das histórias de vida, formação e prática pedagógica do sujeito.

Ao se matricular em um curso de licenciatura, o indivíduo já tem uma noção, mesmo que superficial, do que é ser professor, seja por experiências próprias durante seu período escolar, ou por afinidade com a profissão. A escolha por esta opção de curso, geralmente, já diz muito sobre o perfil do público. Normalmente são alunos que vieram da escola pública, de família com pouco capital cultural, e de uma posição econômica baixa, com pais de origem humilde, conforme destaca Silva (2007).

São profissionais que ingressam na licenciatura como forma de alcançar um progresso de vida, que por vezes não foi alcançado por seus pais ou avós. Pessoas que creem na educação como forma de ascensão social, conforme aponta ainda a autora citada. A escolha do curso de licenciatura em Geografia é motivada tendo em vista o capital cultural acumulado por estes alunos e o que eles acham que seu capital cultural permite alcançar.

O conceito de capital cultural é fundamental para entender a formação da identidade do professor de Geografia e sua prática docente. De acordo com Cunha (2007), este conceito foi definido por Pierre Bourdieu ainda em 1964 e é abordado por diversos autores brasileiros analisando sua influência na dinâmica da nossa sociedade e nos processos educacionais. Para Bourdieu, a ideia de capital cultural,

> [...] impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (Bourdieu, 1998, p.73).

O autor defende que o capital cultural, assim como o capital social estão ligados à condição de posse que os indivíduos têm acesso, através de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas e o volume deste capital depende diretamente da extensão de redes que este indivíduo consegue mobilizar ao longo de sua vida e de sua formação. Em uma reflexão similar, Cunha (2007, p. 515) destaca que é a "[...] burguesia (classe de transição), entretanto, a classe que adere mais fortemente aos

valores escolares, uma vez que estes lhe fazem crer na ascensão social e no prestígio cultural conquistados por meio da escolarização".

Ainda segundo a autora, baseada em Bourdieu, o capital cultural se refere a toda a carga de conhecimentos que o indivíduo constrói ao longo de sua vida, nas diversas áreas, acesso à informação e culturas variadas. Esse acesso se distingue nas diferentes classes sociais e influencia nas escolhas do indivíduo enquanto ser social. No entanto, é válido apresentar que, embora a noção de capital cultural apresentada aqui seja de interesse da pesquisa, aos discursos de Bourdieu nem sempre simpatizam com a metodologia utilizada, as histórias de vida e a (auto)biografia, conforme aborda Passeggi (2016), mesmo sua obra sendo fundamental para entendermos a constituição das histórias de vida, da educação e das trajetórias de vida dos professores.

A obra *L'illusion biographique* (A ilusão biográfica) de Bourdieu (1986) é por vezes apontada como polêmica pelo não reconhecimento das histórias de vida como método de pesquisa, classificando as histórias de vida como "[...] uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico, inicialmente, sem muito alarde, entre etnólogos, depois, mais recentemente, com estardalhaço, entre os sociólogos" (Bordieu, 1986, p. 183). No entanto, o autor ao longo de outros textos, não apenas valoriza a narrativa (auto)biográfica, como também se utiliza dela para escrever uma de suas últimas obras publicadas, "A miséria do mundo" (Bordieu, 2003). Nela, segundo Passeggi (2016), o autor apresenta ao leitor a importância da empatia para entrar na história de vida e compreender a singularidade das experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa.

Setton (2002, p. 64) nos afirma que "[...] as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não derivam de cálculos ou planejamentos, são antes produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura". Desta forma, a identidade do professor de Geografia é construída com base em uma série de vivências, contexto social, cultural e econômico em que o mesmo é inserido e seu capital cultural, não apenas em sua formação formal ou acadêmica.

Ao chegar em sala de aula e se deparar com um contexto totalmente diferente do aprendido nas teorias na universidade, o professor se utiliza desse conhecimento para desenvolver sua prática pedagógica e exercer seu trabalho docente, conforme aponta Pires (2012). Não são apenas os conhecimentos teóricos que garantem ao professor uma boa prática, mas também os conhecimentos que ele adquiriu ao longo de toda a sua trajetória, estes conhecimentos que precedem a formação acadêmica e também a sucedem, são basilares para a constituição da identidade do professor de Geografia.

Essa identidade, conhecimentos e visão de mundo são fundamentais para que o professor possa desenvolver sua prática pedagógica e levar seu aluno ao conhecimento do espaço, pois o próprio professor, por meio do conhecimento científico, técnico e de seu capital cultural, já deve possuir o entendimento do espaço e sua dinâmica. No entanto, essa realidade é desconsiderada pelos currículos, priorizando na formação profissional, apenas os conhecimentos técnicos e científicos.

A realidade do aluno e o contexto social do ambiente escolar também contribuem de forma relevante na formação da identidade do professor de Geografia. Este, ao se deparar com realidades diferentes e ambientes cercados por contradições históricas e sociais, vai construindo suas práticas de acordo com a realidade vivida, sua teoria acaba se adaptando às várias realidades e necessidades de seus alunos, pois estes também já trazem um conhecimento de mundo, tendo acesso a diversas informações e conhecimentos prévios, que não podem ser desconsiderados na produção e construção do saber geográfico. Em consonância com o exposto por Ascenção, compreendo que:

> Os professores que tem uma boa formação cultural, que conhecem e tem sensibilidade para entender e valorizar diferentes expressões culturais na música, poesia, pintura, dança, e outras, sem preconceitos e estereótipos, tem mais chance de dialogar com seus alunos (Ascenção, 2017, p. 103).

Portanto, o professor constrói a sua identidade docente ao longo de sua prática e esta é influenciada por diversos fatores, e isso é o que lhe atribui êxito no exercício das funções, promovendo a construção de conhecimentos significativos para seus alunos e reinventando sua prática a cada novo desafio que a profissão docente lhe apresentar. Para tanto, é necessário articular a teoria, os conhecimentos científicos, a prática docente e a realidade dos alunos e, sobretudo, valorizar a construção identitária do professor de Geografia. Sobre este contexto, Pimenta (2012, p.20) afirma que:

> Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenhes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores.

Oliveira (2016, p. 40) menciona que a "[...] construção da identidade profissional está associada à identidade pessoal e também à identidade social". Em conformidade com a autora, Moita (1995) ao discorre que as identidades pessoal, profissional e social estão diretamente relacionadas e não podem ser desarticuladas uma da outra, podendo receber influências distintas a partir de suas especificidades.

O professor não é um ser isolado do mundo, não vive preso numa caixinha chamada escola, ele é um cidadão, e como os demais, vive e tem acesso a quase tudo que a sociedade dispõe, dentro das dificuldades econômicas e desigualdades sociais, com a diferença que sua formação acadêmica, sobretudo por ser professor de Geografia, lhe permite um olhar crítico das coisas. A possibilidade de questionar o porquê, onde e como as coisas acontecem, refletindo espacialmente acerca da realidade que faz parte.

Ao discorrer sobre os saberes docentes, Tardif (2014) destaca que se tratam de saberes heterogêneos, defendendo que eles não correspondem apenas aqueles relacionados à disciplina de formação, mas são provenientes de diferentes fontes com as quais o professor mantém contato, podendo ser aprendidos na vida familiar, no ambiente escolar, na igreja ou entidade religiosa a que o professor participa ou mesmo saberes experienciais. Concordando com essa ideia, Oliveira (2016, p.43) destaca que "[...] a(s) identidade(s) docente(s) se constitui(em) em meio a relações de sujeitos-sujeitos: professor-aluno, professor-professor, professor-gestor, professor-comunidade acadêmica geral", podendo sofrer grande influência, ainda, de elementos externos à profissão, como, o Estado.

Por estar diretamente ligada à práxis em sala de aula, a construção da identidade docente tem sido um eixo de estudo de alguns autores na atualidade, como os citados ao longo do texto, por entenderem que "[...] os princípios colocados à formação do professor na atualidade destacam-se aqueles relacionados à construção da identidade profissional do professor" (Morais; Oliveira, 2010, p. 63), na qual a formação dê conta não apenas da construção de um referencial teórico, mas que reflita a forma como o professor constrói os saberes que sustentam essa identidade profissional.

É necessário considerar também a escola como um importante espaço de constituição da identidade docente, conforme veremos ao longo das entrevistas narrativas. No espaço escolar o professor vai ter contato com os primeiros símbolos e agentes de sua profissão, tais como a própria escola, seus colegas de profissão, as políticas de organização do ambiente escolar, e, sobretudo, com seus alunos. É a partir deste espaço (o escolar) que a constituição da identidade docente irá se efetivar e

cooperar para que o trabalho deste profissional possa ser motivado, compromissado e para que o professor possa construir sua própria ideia do que é ser professor.

Diante do exposto, destacamos que ao refletirmos sobre a constituição da identidade docente e na relação desta com sua prática deve-se considerar o professor como uma pessoa, um ser humano carregado de emoções, questionamentos, com uma vida cheia de experiência e uma bagagem de informações que certamente dão sustento a sua profissão.

Narrativas sobre a escolha pela licenciatura em Geografia e a formação inicial dos professores colaboradores

Como mencionado anteriormente, a escolha pela licenciatura em Geografia decorre de uma série de fatores, tais como questões econômicas, culturais, geográficas, familiares etc, assim como múltiplas referências, interferências e inferências que permeiam a vida do sujeito.

Relataremos a seguir os motivos pelos quais cada professor colaborador escolheu sua profissão, optou por ingressar no curso de licenciatura em Geografia, na perspectiva de compreender como o ser professor se constituiu, a partir das narrativas destes indivíduos e como a identidade docente e sua prática sofreram interferências dessas escolhas e dos relatos da vida de cada um.

A licenciatura não foi a primeira opção de formação dos professores com quem tivemos a oportunidade de conversar, ouvir, pesquisar ou conviver. Algumas vezes, foi relatado que a licenciatura foi a alternativa possível no momento da escolha de um curso superior. Exemplo que corrobora com essa afirmação é o da colaboradora Maria Clara, que relatou ao longo de sua narrativa, que prestou diversos vestibulares antes de ingressar na Geografia, entre os cursos anteriormente almejados, destacou Engenharia Ambiental e Engenharia de Alimentos na UFPB, campus João Pessoa.

No momento da aplicação do questionário narrativo, a professora relatou que era formada há quatro anos (graduou-se em 2017) pela UEPB, campus Guarabira, e exercia a docência há três anos. Começou sua carreira docente em uma escola privada, como ocorre na realidade de muitos outros professores em início de carreira, e naquela ocasião também atuava em uma escola estadual. A professora Maria Clara relatou que a escolha pela licenciatura ocorreu com a observação do cotidiano de seus professores em sala de aula, na época do seu Ensino Fundamental e Médio. Ela contou que ficava encantava com a forma como alguns de seus professores falavam da educação, destacando que

"[...] falavam com muito amor da educação e de sua trajetória profissional" (Professora Maria Clara, entrevista narrativa, agosto de 2021). Além disso, a escolha pela Geografia se deu, segundo ela, porque sempre gostou dessa matéria na escola, sempre teve interesse pelas temáticas geográficas, embora apresentasse dificuldades em outras disciplinas.

Acerca da formação de professores, Cunha (2013) defende que trata-se de um processo que acontece em um *continuum*, e vai desde a educação familiar, cultural do docente até a sua trajetória formal e acadêmica. A autora aponta ainda que este processo se mantém vital enquanto acontece o ciclo de atuação do profissional. Desta maneira, do momento da escolha pela profissão, até a sua prática, o profissional já demonstra uma série de conhecimentos formativos que, somados a sua formação inicial, conferem alguns elementos necessários à sua atuação em sala de aula e a construção da sua identidade docente.

Sobre essa dimensão de seu percurso formativo, a colaboradora Maria Clara compartilhou que participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e que esta experiência contribuiu de forma bastante positiva em sua trajetória para se tornar professora, pois, segundo ela, apesar de ser "[...] bastante desafiador para minha vida, ao mesmo tempo me trouxe mais desejo de dar continuidade à minha formação" (Professora Maria Clara, entrevista narrativa, agosto de 2021).

O professor José Antônio, narrou que sua primeira escolha de graduação também não foi a Geografia. O primeiro vestibular prestado foi para o curso de Licenciatura Plena em Letras (Língua Portuguesa), pela Universidade Estadual da Paraíba, em 2006. Entretanto, o professor assinalou que não chegou a cursá-lo, pois, apesar de sua aprovação, não efetuou a matrícula por falta de informação, visto que naquele tempo, o acesso à internet e informações ainda eram bastante limitados, ou, conforme o próprio relatou, ainda era "coisa de rico".

José Antônio relatou que essa fase de sua vida foi muito desafiadora, pois ele precisou conciliar sua formação inicial com alguns trabalhos e atividades, como as aulas de reforço que o auxiliava a complementar a renda da família e arcar com as despesas de seus estudos, as demandas da igreja, que eram sua prioridade. Além disso, citou aulas que ministrava, tendo em vista a preparação de estudantes para os vestibulares, o trabalho em uma escola privada de sua cidade, estudos para concursos públicos, na expectativa de alcançar uma melhor condição de vida. O professor narrou ainda que "[...] todos esses compromissos impossibilitavam uma parte importante da minha

formação acadêmica: a extensão e a pesquisa" (Professor José Antônio, entrevista narrativa, agosto de 2021).

Este professou compartilhou que no período do seu curso de formação inicial ingressou no mercado de trabalho como funcionário público na cidade de Sobrado – Paraíba, atuando como recepcionista do Centro Administrativo Municipal. Foi seu primeiro cargo efetivo no serviço público, porém, ao rememorar esta época de sua vida, relatou que foi um período de grande sofrimento, pois ele saia do trabalho direto para a universidade e algumas vezes não conseguia ter concentração nas aulas, devido ao cansaço do dia de trabalho e ao sono, o que o levava a cochilar nas aulas algumas vezes, "[...] durante as aulas mais teóricas".

O colaborador finalizou sua narrativa sinalizando que, apesar de todas as dificuldades e atividades que enfrentou ao buscar conciliar a sua formação inicial, conseguiu concluir seu curso e defender o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) antes do previsto, pois tinha o desejo de prestar concursos públicos na área para a qual se formara.

Indo ao encontro das demais narrativas, a professora e colaboradora Maria Fernanda destacou que a Geografia foi sua primeira escolha de curso. Desde o Ensino Fundamental tinha apreço pela disciplina, juntamente com a História. Ela aponta que a decisão por cursar Geografia ocorreu por influência da sua irmã, pois ela já cursava História e Maria Fernanda sonhava em ser colega de trabalho da irmã, que era seu exemplo de profissional.

Quanto à sua formação inicial, Maria Fernanda narrou que iniciou em 2007. Ela destacou que, nesse começo, não havia ônibus gratuito de sua cidade para os estudantes que se deslocavam para a capital, João Pessoa. Ela compartilhou que pagava o valor de R$80,00 (Oitenta reais) mensais pelo transporte para poder estudar. A professora apontou que seus pais fizeram todo o esforço necessário para pagar o transporte, para que ela e sua irmã pudessem permanecer na universidade. Destacou que seus irmãos já estavam finalizando seus cursos, por isso pagavam um valor menor e ~~também~~ conseguiam juntar dinheiro com atividades extras, para custear as necessidades que surgiam durante o percurso formativo, tais como ajudar o pai na feira ou fazendo "bicos" (atividades informais, sem nenhum vínculo empregatício ou salário estipulado).

Maria Fernanda ressaltou que nos primeiros semestres de sua formação sentia muita dificuldade com os estudos sobre os conteúdos das "disciplinas teóricas", pois "[...] tinha a ideia de que o curso iria nos ensinar a como dar aula, nos preparar para a realidade das escolas, e nos primeiros semestres a gente mal ouvia falar sobre escolas"

(Professora Maria Fernanda, entrevista narrativa, setembro de 2021). Sobre este pensamento, que é bastante comum nos cursos de formação inicial, Callai (2011, p. 11) sinaliza que um dos grandes questionamentos e dilemas da formação docente é "Ensinar de modo que o aluno ao ser professor saiba como fazer na sua sala de aula é a grande expectativa dos alunos no ensino superior".

A professora narrou que ao começar a cursar as disciplinas relacionadas à prática pedagógica, didática e outras afins sentia-se realizada, pois tinha mais facilidade com as leituras acerca da escola, fazer trabalhos sobre ela e até mesmo estagiar, essas eram atividades que a deixavam bastante entusiasmada com o curso. Ao rememorar esse apreço pelas disciplinas e experiências didático-pedagógicas, a professora compartilhou uma lembrança que guarda com muito carinho:

> Lembro que uma vez tivemos que pesquisar sobre as escolas da nossa cidade e eu fiquei super feliz por voltar nas escolas que estudei. Foi uma oportunidade muito boa, pois as pessoas começaram a saber que eu seria professora e a partir desse trabalho eu comecei a tirar licenças dos professores de Geografia e logo depois consegui um emprego em uma escola, quando ainda estava estudando (Professora Maria Fernanda, entrevista narrativa, setembro de 2021).

Maria Fernanda descreveu em sua narrativa que, na metade do seu curso, por volta do ano de 2009, seu pai ficou um tempo desempregado, seus irmãos mais velhos já estavam casados, restavam só sua irmã e ela em casa. A irmã trabalhava numa escola privada e Maria Fernanda estava cobrindo a licença maternidade de uma professora. A colaboradora destacou que esse foi um período difícil para sua formação, pois como dependia de transporte privado para se deslocar até a universidade, a perda da renda do pai acabou sendo uma preocupação e a sua renda como professora substituta e a de sua irmã nem sempre supriam as necessidades da família e dos custos com os deslocamentos, alimentação, materiais e outras despesas com a formação.

No ano seguinte, seu pai conseguiu se aposentar e a situação financeira da família melhorou, possibilitando à colaboradora se dedicar mais à sua formação. Ela destacou que começou a realizar uma pesquisa sobre formação docente e que, com a ajuda de sua orientadora, pôde pesquisar em escolas de sua própria cidade. Maria Fernanda compartilhou que essa experiência de pesquisa foi fundamental, pois "[...] quanto mais eu visitava as escolas, mais eu ficava conhecida e isso me abriu algumas portas de emprego" (Professora Maria Fernanda, entrevista narrativa, setembro de 2021). Ela também narrou que realizou seu sonho de trabalhar com sua irmã, pois foi convidada a trabalhar na mesma escola privada que sua irmã, ressaltando que "[...] na época o

salário só era o suficiente para pagar meu transporte e os materiais que eu precisava na universidade, mas eu ficava muito feliz, pois era uma despesa a menos para meus pais" (Professora Maria Fernanda, entrevista narrativa, setembro de 2021).

Ao rememorar os professores de sua formação, a colaboradora apontou que alguns a incentivavam bastante a participar de eventos, viagens e pesquisas, mas sinalizou que dificilmente participava de tais atividades por questões financeiras. O período que a professora destacou como fundamental para sua formação foi o do Estágio Supervisionado, no qual ela conseguiu estagiar em sua cidade e escolheu uma escola municipal, a mesma que estudou durante os anos finais de seu Ensino Fundamental. Sobre essa experiência, a professora narrou que:

> [...] foi uma experiência muito marcante, pois pude voltar a conviver naquele ambiente que tanto contribuiu com minha formação, pude rever alguns funcionários da minha época de estudos, embora a maioria já nem lembrasse de mim e alguns funcionários fossem novos, principalmente os professores (Professora Maria Fernanda, entrevista narrativa, setembro de 2021).

A colaboradora mencionou que durante sua atuação profissional se inspira bastante nos professores de seu itinerário formativo (escolarização/formação acadêmica), dos tempos "[...] da escola, nos professores da universidade e nos professores que acompanhei nos estágios", pois cada um tinha "[...] suas lutas, dificuldades e também com seu jeitinho único de compartilhar seus conhecimentos" (Professora Maria Fernanda, entrevista narrativa, setembro de 2021). Maria Fernanda concluii apontando que busca sempre manter uma boa relação com seus alunos, "[...] entendendo que cada um é um mundo, vem de uma realidade e tem características, aptidões diferentes". Narrou também que busca compartilhar seus conhecimentos geográficos da forma mais dinâmica possível,

> [...] entendendo que nem sempre vão querer estudar Geografia, e está tudo bem! Mas, na medida do possível, busco levar eles ao entendimento de que o conhecimento geográfico é fundamental para a vida do ser humano, para a nossa formação enquanto cidadãos. (Professora Maria Fernanda, entrevista narrativa, setembro de 2021).

A narrativa da professora Maria Cristina teve início com a ênfase nas dificuldades que a colaboradora enfrentou para se locomover de sua casa para a universidade, durante a sua formação inicial. Ela narrou que seu pai a levava no ponto do ônibus, onde ela ia até a zona urbana em um ônibus intermunicipal e lá embarcava em outro ônibus, o dos estudantes, para se deslocar até a universidade. A colaboradora acrescentou ainda

que necessitou morar um período na casa de sua tia, pois segundo ela recordou "[...] chegávamos muito tarde, a princípio, eu passei a dormir na casa de uma tia minha que morava na área urbana, depois comecei a ficar lá a semana toda, pois comecei a dar aula de reforço a meus primos e, posteriormente, às crianças vizinhas da minha tia" (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

A professora apontou que queria cursar Direito, sonhava em ser advogada, almejava essa profissão. Sobre a escolha pelo curso de Geografia, a colaboradora acrescentou que sua pontuação não era suficiente para o curso desejado, assim, "[...] escolhi a Geografia, pois no Ensino Médio me apeguei muito à matéria, comecei a gostar com minha segunda professora do Fundamental e no Ensino Médio eu já amava a matéria e as aulas" (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

Ao rememorar as primeiras experiências em seu curso de formação inicial, a colaboradora recordou de suas dificuldades quanto à associação dos conteúdos estudados à ideia das práticas futuras e menciona que:

> Nos primeiros semestres eu tinha muita dificuldade, muitas dúvidas sobre como eu iria aplicar tudo o que a gente aprendia em sala de aula, já que eram conteúdos que eu pouco tinha visto no Ensino Médio. Os professores mal mencionavam a escola ou como seria nossa experiência lá. Os conteúdos eram muito voltados para a teoria e pouca prática. Eu sempre ficava me perguntado em qual série eu iria usar aqueles assuntos com meus futuros alunos (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

Sobre este pensamento, invoco as palavras de Callai (2013) ao destacar que a formação sólida, não se resume, a saber, ao conteúdo da matéria, mas, também passa pela necessidade dos saberes que acompanham este conteúdo. Além disso, a interligação entre os saberes acadêmicos e escolares é fundamental para a formação do professor de Geografia. Neste sentido, a autora acrescenta ainda que:

> Formar professores, então, requer que nos cursos de formação inicial sejam trabalhados os conteúdos de forma que incorporem os princípios didáticos pedagógicos dos mesmos. Ao vivenciar as formas de aprender geografia o graduando poderá estabelecer as bases para ensinar a geografia (Callai, 2013, p. 07).

A colaboradora narrou que começou a se se interessar mais pelo curso no momento em que teve contato com as disciplinas de prática pedagógica e estágio. Ela compartilhou que "[...] foi um momento muito bom, pois os textos lidos e discutidos eram mais votados para falar da escola, assim comecei a me identificar mais com o curso" (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022). No entanto,

recordou que sentia muito por não participar das atividades que estas disciplinas promoviam em horários contrários aos das aulas, pois "[...] necessitava de recursos para me locomover, e minha família já gastava bastante com transportes, xerox e todo o material que eu precisava".

Assim como muitos professores, a carreira docente da colaboradora teve início antes mesmo da conclusão do seu curso. Maria Cristina narrou que quando estava na metade de seu curso, começou a trabalhar em uma escola municipal, próxima a residência de sua tia, onde passava toda a semana. Ao rememorar essa experiência, a colaboradora discorreu que:

> Meus pais ficaram muito felizes e orgulhosos. Eu estava ansiosa para estar em sala de aula, ter meu primeiro salário e ajudar minha família. Foi uma experiência desafiadora, a prática de sala de aula me moldou e me formou muito enquanto a professora que sou hoje (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

As experiências construídas no ambiente escolar, sobretudo no início da carreira docente, marcam profundamente a identidade do professor de Geografia, uma vez que ali ele vai construindo sua prática, seu perfil, escolhendo metodologias, confrontando seus conhecimentos científicos com a realidade e adaptando o que for necessário para alcançar o mundo de seus alunos, através dos conhecimentos geográficos. É no ambiente escolar que ocorre o confronto com a realidade, toda a teoria dos textos estudados, embora de fundamental importância para a formação docente, ainda não conseguem contemplar a diversidade, riqueza e as profundas contradições do ambiente escolar. Essa realidade, que difere de um ambiente para outro, de uma narrativa para outra, só é possível ser visualizada pelo próprio docente, na experiência de colocar o pé no chão da escola, na sala de aula e vivenciar, à sua maneira, aquela realidade, conforme inferências da colaboradora a seguir.

> Ao me deparar com salas cheias de alunos, a falta de material, as condições da escola pública da época, apesar de ter estudado sempre em escola pública, foi desafiador. Estar em frente a uma turma, ter que saber o que falar, como falar, trabalhar com aqueles alunos os conteúdos da geografia de forma que eles se interessassem era muito difícil nos meus primeiros anos de carreira. Eu sempre buscava lembrar e me espelhar nos professores que tive ao longo da minha vida e os que tinha na universidade. Lembrava de como alguns ensinavam usando música, dinâmicas, como outros tinham o controle de turma, como outros eram organizados e pouco a pouco fui me adaptando (Professora Maria Claudia, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

Para Cavalcanti (2019, p. 105), "[...] é na prática que o saber profissional ganha consistência", principalmente quando essa prática é acompanhada de uma reflexão

consciente acerca das demandas profissionais. Por isso, é muito importante que os cursos de formação estejam sempre atentos aos que acontece no ambiente escolar, nas múltiplas dinâmicas que se configuram em seu cotidiano e que mudam constantemente. Além disso, também é necessário ponderar nos cursos de formação os diferentes saberes do aluno da licenciatura, pois, uma vez em sua sala de aula, o professor necessitará mobilizar conhecimentos diversos para atuar de forma autônoma e para isso precisará refletir sobre as diversas fontes, ligações e a forma como estes saberes se apresentam em suas experiências. A respeito dessa propositura, invoco as palavras de Barros (2021, p. 18) ao mencionar que:

> [...] os saberes dos professores de Geografia da educação básica em início de carreira têm ligações intrínsecas com a suas histórias de vida, com as situações experienciadas durante as trajetórias de escolarização e com as práticas sociais da vida cotidiana, apresentando forte herança dos saberes oriundos da experiência da formação acadêmica e dos professores que tomaram como referência profissional.

Ao recordar as experiências de seus primeiros anos de carreira e associá-los a seu período de formação inicial, a colaboradora Maria Cristina apontou que "[...] na universidade estava mais animada", pois sempre tinha alguma experiência de suas aulas para compartilhar com a turma e era incentivada a isso por sua professora de estágio. Recordou ainda que decidiu desenvolver sua pesquisa para o trabalho de conclusão de curso sobre os desafios que professor de Geografia enfrenta. A pesquisa a ajudou na superação das próprias dificuldades, ela apontou como instrumento de reflexão e formação que orientou sua prática no início de sua carreira e acrescentou que:

> Pouco a pouco fui vencendo as dificuldades do meu curso e conciliando o trabalho e estudos, conseguia ajudar minha família e me sentia cada vez mais feliz com a profissão que escolhi. Quando terminei meu curso de licenciatura, passei em um concurso do Estado da Paraíba e comecei a trabalhar o dia todo, agora concursada e formada. Também foi o ano que casei e vim morar definitivamente na zona urbana de Marí. A escola ficava próxima a minha residência, todos os dias eu ia a pé para dar minhas aulas nos horários da tarde e noite. A tarde com turmas do Ensino Fundamental, anos finais. A noite eu dava aulas para turmas da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

A colaboradora também sinalizou a importância que sempre deu à formação continuada, recordando que sempre buscava participar dos encontros formativos promovidos pelas secretarias de educação, e também mencionou que buscou um curso de especialização para estar em contato com o conhecimento científico e se atualizar

sobre o que estava sendo discutido na universidade acerca da Geografia, conforme narrativa abaixo.

> No terceiro ano de concursada iniciei uma especialização pela Universidade Estadual da Paraíba, em Geografia e Território. Foi uma experiência muito boa, pois depois da minha formação inicial tive poucas oportunidades de parar e ler livros e artigos sobre a Geografia em si, mergulhei nos materiais escolares e os afazeres da escola, juntamente com as da minha casa, tomavam todo o meu tempo (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

A formação continuada compõe uma necessidade de todo docente, visto que a escola, o conhecimento disciplinar, pedagógico e científico são dinâmicos, assim como a sociedade, e estão em constantes mudanças. Pesquisar, fazer formações continuadas em instituições, refletir sobre a própria prática ao longo de sua carreira profissional são fundamentos da profissão docente. Sobre este pensamento, Marcelo (2009) discorre que o professor aprende quando tem a oportunidade de refletir sobre sua própria prática, sobre o que fazer, e ainda quando tem a possibilidade de indagar e narrar sobre essa prática. Em relação a isso, Maria Cristina dissertou sobre suas práticas e suas experiências nas escolas em que teve a oportunidade de trabalhar, conforme narrativa a seguir:

> Minhas experiências nas três escolas foram e são muito fundamentais para minha formação. Aprendi muitas coisas ao longo destes quase 12 anos de sala de aula. Aprendi muitas coisas que a universidade não ensina, que a licenciatura não nos prepara, que só se aprende fazendo mesmo. Mas também aprendi a usar tudo o que ouvi, debati, observei e li durante as aulas na universidade para ter uma boa base em minhas aulas. Aprendi que os exemplos dos meus professores eram muito importantes para refletir sobre como eu seria, mas as minhas experiências foram moldando a minha prática de forma decisiva também, me mostrando onde melhorar, o que estava dando certo e me ajudando a suprir minhas expectativas enquanto professora e também buscando sempre alcançar meus alunos, ou pelo menos parte deles (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

A colaboradora finalizou sua narrativa enfatizando a forma como se vê enquanto professora e a forma como busca articular sua prática docente, conforme excerto narrativo a seguir:

> Hoje sou uma professora que busca sentir a profissão, conhecer a vida dos meus alunos, me envolver com o cotidiano deles, conhecê-los e me conhecer para que eu possa dar sempre o melhor a cada dia a estes jovens e adultos. Se eu souber que fiz a diferença na vida de pelo menos um dos meus alunos, em todos estes anos e nos futuros, acredito que minha profissão terá valido a pena (Professora Maria Cristina, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

O que se espera da formação do docente é que esta lhe garanta a capacitação necessária para que o professor conheça as bases de sua área de formação, ou que possa

ter autonomia para buscar este conhecimento, e ainda que domine as ferramentas e instrumentos necessários para a continuidade de sua capacitação, para a sua autorreflexão. Maria Cristina demonstrou ao longo de sua narrativa o desejo de se atualizar, de refletir sobre sua própria prática, de levar seus alunos a pensar geograficamente e fazer a diferença na vida e formação deles.

A colaboradora Maria Claudia deu início à sua narrativa apontando a insatisfação por cursar a licenciatura em Geografia, destacou que não era sua primeira opção de curso, no entanto, não obteve pontuação para outras áreas que teria mais interesse. Através do incentivo de amigos que também passaram para o mesmo curso, além de outros fatores favoráveis, como a proximidade do campus universitário da sua cidade, fez com que ela desse uma chance e ingressasse na licenciatura em 2008. Ela destacou que o fato de ter total disponibilidade para estudar, se dedicar exclusivamente à universidade facilitou sua trajetória acadêmica, pois seus pais se esforçaram para pagar suas despesas, sem que fosse necessário que ela trabalhasse, podendo se dedicar ao curso de forma integral.

Assim como outros colaboradores, Maria Claudia rememorou alguns desafios do início de sua formação, descrevendo a experiência:

> Recordo que os primeiros períodos do curso foram muito difíceis, pois as cadeiras[1] introdutórias falavam da parte teórica da geografia, tema que não simpatizava, que me fez pensar por algumas vezes até mesmo a desistir do curso. Até que chegando ao meio do curso surgem as cadeiras de práticas pedagógicas que mostravam os desafios do professor em sala de aula e o quanto esse profissional era um meio de transformação social através da educação, tema esse que me fascinou (Professora Maria Claudia, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

A colaboradora apontou que os estágios foram fundamentais para que ela se identificasse com a licenciatura, pois "[...] já na primeira experiência em sala de aula tive a convicção que tinha feito a escolha certa" (Professora Maria Claudia, entrevista narrativa, janeiro de 2022), e que, apesar dos grandes desafios da profissão, almejava ser parte da transformação na vida daqueles que no futuro seriam seus alunos. Ao finalizar seu curso de formação inicial, a professora recordou que teve sua primeira oportunidade de emprego, conforme narrativa:

> Conclui o curso no fim de 2011 e logo em seguida, no início de 2012, tive uma proposta de substituir uma professora em uma escola estadual da minha cidade, lecionando por cerca de 2 anos no Fundamental II e na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Foi neste período que dei meus primeiros passos como

[1] Forma como se referem às disciplinas acadêmicas nas universidades da Paraíba.

> professora, onde adquiri o conhecimento inicial da carreira que havia escolhido (Professora Maria Claudia, entrevista narrativa, janeiro de 2022).

A experiência lhe abriu o caminho para se tornar prestadora de serviços da instituição, na qual permaneci até os dias de realização do presente estudo, atuando apenas nos anos finais do Ensino Fundamental. Claudia seguiu sua narrativa relatando que em 2013 foi convidada a trabalhar em uma das escolas privadas mais reconhecidas de sua cidade, descreveu a sensação de ter recebido o convite com sentimentos de "êxtase e privilégio", por ter a oportunidade de trabalhar em tal instituição, o que lhe abriu portas para outra escola privada, na qual começou a trabalhar em 2016 e também permanecia até aquele momento de sua narrativa.

A professora fez referência ainda a um curso de especialização, na área de Geografia Ambiental, o qual cursou com o propósito de se aperfeiçoar. Recordando das dificuldades que teve para voltar ao ritmo das leituras e atividades acadêmicas, mas compartilhou que a oportunidade foi muito enriquecedora para sua formação profissional, pois lhe permitiu "voltar a fontes de produção de conhecimentos" e refletir sobre seu próprio fazer docente.

Maria Claudia finalizou sua breve narrativa inferindo que a carga horária, o fato de trabalhar em duas escolas privadas, e os diversos compromissos da vida pessoal acabavam se apresentando como dificuldades da profissão docente, entretanto, inferiu que busca sempre mostrar aos seus alunos o quanto a Geografia pode ser fascinante, partilhando tudo o que aprendeu ao longo de sua vida, formação escolar e acadêmica, de forma que possa inspirar seus alunos a uma consciência crítica por meio do conhecimento geográfico.

A condução do questionário narrativo teve o intuito de levar os colaboradores a uma reflexão formadora, balizando as situações passadas, para o atual momento da formação e identidade destes professores de Geografia. Conforme visto, cada professor atribuiu importância às experiências de sua trajetória de forma particular e única, o que foi formador na vida de um colaborador, pode não ter sido na vida do outro, pois o que incide na formação da identidade do professor são as experiências que o próprio sujeito atribui significado e relevância formativa.

A escolha da profissão, apesar de ser um momento crucial na vida do ser humano, nem sempre é uma decisão fácil, livre de influências, pelo contrário, sobretudo a escolha pela licenciatura. Conforme narrado pelos colaboradores, estas escolhas muitas vezes estão atreladas à proximidade com a universidade, à inspiração da família, de algum professor ou outros fatores.

Tornar-se professor, se identificar com a profissão, é algo muito subjetivo a cada sujeito, é inerente a formação pessoal de cada docente, permeia sua formação inicial na universidade, mas também suas experiências de vida, suas próprias vivências escolares como aluno ou na sociedade, e também sua prática no ambiente escolar. Compreender, portanto, que a identidade docente não se constitui apenas na formação inicial, mas ao longo de toda a trajetória do professor de Geografia, entrelaçando suas experiências formativas nos diversos momentos de sua vida, é fundamental para a formação integral deste profissional, pois ultrapassa a ideia de formação institucional como suficiente para dar conta de todas as demandas que a sala de aula exige do professor.

Na formação inicial, é preciso levar em consideração que está sendo formado um sujeito adulto, repleto de conhecimentos, nos mais variados campos, inclusive conhecimentos geográficos que foram construídos ao longo de suas experiências escolares e pessoais. É fundante considerar também que a identidade deste profissional não se constitui apenas naquele momento de sua vida, mas que sua trajetória de vida precisa ser valorizada, para a partir dessa valorização se compreender a aprendizagem e o desenvolvimento do exercício docente, pois, conforme aponta Souza (2006, p. 67), "a formação do professor deve passar pela reflexão sobre seu saber e seu saber fazer". De acordo com o exposto, a identidade profissional se edifica, portanto,

> [...] com apoio na acepção social da profissão, mas também se constrói pelo significado que cada professor, como ator e autor, atribui à atividade docente no seu cotidiano, com base nos seus valores, seu modo de colocar-se no mundo, sua história de vida, suas representações, seus saberes, suas aflições e suas aspirações, no sentido que tem, na sua vida, o ser professor, bem como em sua rede de relações com os outros professores, nas escolas, nos movimentos sociais e em outros agrupamentos (Portugal et al, 2016, p. 161)

Ser professor de Geografia é ter a capacidade de levar os alunos à construção de um pensamento geográfico capaz de compreender os diversos fenômenos da realidade em que os alunos estão inseridos, conforme aborda Cavalcanti (2019). Essa capacidade de leitura espacial, compreensão dos fenômenos e de preparação para problematizá-los em sala de aula não depende apenas de um curso de formação inicial, de uma licenciatura, mas de uma tomada de consciência do professor, a partir de sua própria vida, de seu próprio entendimento acerca dos fenômenos espaciais do mundo em que vive e de seu cotidiano.

Por isso, acreditamos que as narrativas (auto)biográficas permitem ao professor uma formação para além da formação formal, mas lhe possibilita uma (auto)formação, através da reflexão de sua trajetória de vida e de suas experiências, sobretudo aquelas

que para ele (o professor) foram formadoras. Através das narrativas, podemos compreender os diversos processos de aquisição dos saberes docentes, a forma como estes profissionais mobilizam seus conhecimentos e constituem-se professores.

Considerações finais

O objetivo do trabalho com narrativas (auto)biográficas nas pesquisas sociais, especialmente quando tratamos da formação docente, é a busca pela compreensão dos processos formativos e (auto) formativos do sujeito em formação, trata-se de buscar entender como os professor se constitui professor, parafraseando Delory-Mombeger (2012).

Através das histórias e experiências narradas ficou evidente que a escolha pela profissão docente não é livre de influências externas ao indivíduo, e que nem sempre é a primeira escolha profissional ou o sonho do narrador. Escolher uma profissão pode ser uma decisão condicionada, ou influenciada por diversos fatores da vida de uma pessoa, conforme foi exposto nos excertos compartilhados. Esses fatores podem ser relacionados ao lugar de origem e a oferta de universidades próximas ao indivíduo, às questões econômicas familiares, às influências de pessoas da família ou professores, entre outros fatores.

As narrativas também evidenciaram que os professores, ao evocar suas memórias formativas, compreendem-se enquanto sujeitos em constante formação, e que as experiências narradas foram fundamentais para este processo, uma vez que foram ressignificadas ao longo da vida e contribuíram para que os professores se tornassem os profissionais que são hoje.

Ao narrar suas experiências, o professor reflete acerca de sua própria identidade, dando sentido a sua formação e sua prática, uma vez que tornar-se professor é um exercício de aprendizagem experiencial (Souza, 2006), no qual a pessoa que se forma constrói seu próprio percurso de vida, por meio de suas subjetividades. A narrativa de vida também se releva como potencial para a superação de modelos construídos a partir das vivências e que por ventura os professores não querem reproduzir em sua prática, por se tratarem de memórias, que não sejam consideradas positivas, ou métodos de ensino que os sujeitos não concordem.

Apresentamos as narrativas (auto)biográficas como uma possibilidade à formação docente, possibilitada pela reflexão das histórias de vida de professores e professoras de

Geografia. É válido lembrar que não se trata da solução para os problemas da formação docente, mas de uma alternativa a ser levada em consideração, pois coloca em foco o sujeito docente, através da narrativa de si, resultando em um processo (auto)formativo, pois, a formação do professor de Geografia é um processo reflexivo, contínuo, que não se limita ao espaço e tempo instituído e encarados como legítimos para esta finalidade, de forma institucionalizada.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação.** Asphe/FAE/UFPEL, Pelotas, nº 14, p. 79-95, set. 2003.

ASCENÇÃO, Valéria Roque e outros (organizadores). **Conhecimentos da Geografia:** percursos de formação docente práticas na educação básica. Belo Horizonte: IGC, 2017.

BARROS Josias Silvano de. **Tessitura de saberes de professores de geografia em início de carreira:** histórias de vida, trajetórias de formação e fazeres docentes. João Pessoa, 2021. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

BOURDIEU, Pierre. (Coord.). **A Miséria do mundo.** Tradução Mateus S. Soares Azevedo. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **L'illusion biographique.** Actes de la Recherche en Sciences Sociales. v. 62-63, jun., p. 69-72, 1986.

CALLAI, Helena Copetti. O conhecimento geográfico e a formação do professor de Geografia. **Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL**, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 p. 1-20. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820036.pdf. Acesso em: 1º out. 2024.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia:** O professor. Ijuí: Unijuí, 2013.

CAVALCANTI, Lana Sousa. **O ensino de Geografia na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia** – ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. O conceito "capital cultural" em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 503-524, jul./dez. 2007.

CUNHA, Maria Isabel da. Pesquisa qualitativa no ensino: aprendizagens e possibilidade na educação superior. In: CUNHA, Maria Isabel. **Trajetórias e lugares de formação da docência universitária:** da perspectiva individual ao espaço institucional. São Paulo: Junqueira e Marin, p. 291-305, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set.dez. p. 523-740, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf. Acesso em: 1º out. 2024.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Tradução. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto editora, 1997.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Ciências da Educação**, n.8, p.7-22, 2009.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira de. Desafios e possibilidades na formação do professor de Geografia em Goiás. In: **Formação de professores:** conteúdo e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: Vieira, 2010.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, p.7-22, 1995.

OLIVEIRA, Susana Ribeiro Lima. **Formadores de profissionais em Geografia e Identidade (s) Docente (s).** Goiânia, 2016. Tese de doutorado - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA). Programa de Pós-graduação em Geografia. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5864. Acesso em: 23 ago. 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67–86, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9267. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267. Acesso em: 8 jul. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente.** São Paulo: Cortez, 2012.

PIRES, Lucineide Mendes. Da formação inicial ao exercício da profissão docente: entre desafios, perspectivas e práticas no cotidiano do professor de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, v. 2, n. 4, p. 15-39, jul./dez., 2012.

PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; MEIRELES, Mariana Martins de. Entre memórias e histórias: itinerários de escolarização, narrativas docentes e aprendizagens cartográficas. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; RIBEIRO, Solange Lucas. (Org.). **Formação e docência em Geografia:** narrativas, saberes e práticas. 1ª ed. Salvador - Bahia: EDUFBA, v. Único, p. 131-155, 2016.

SETTON. Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu:uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**: Maio/Jun/Jul/Ago, Nº 20, p. 60-70, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05. Acesso em 20/06/2019.

SILVA, Josélia Saraiva e. **Habitus docente e representação social do "ensinar geografia" na educação básica de Teresina – Piauí**. 2007. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SILVA, Maria José Sousa da. **Narrativas de professores de geografia:** histórias de vida e trajetórias formativo-profissionais na composição da identidade docente. 2022. 115 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org**.). Autobiografias, histórias de vida e formação:** pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Recebido em 29 de novembro de 2023.

Aceito para publicação em 26 de agosto de 2024.